

LIBRAS: PRÁTICA DE TRANSLINGUAGEM NO ATO DE PRODUÇÃO DE SINAIS DE ALUNAS SURDAS EM ESPAÇO ACADÊMICO

LIBRAS: PRÁCTICA DE TRANSLINGUAJE EN EL ACTO DE PRODUCCIÓN DE SEÑAS DE
ESTUDIANTES SORDAS EN UN ENTORNO ACADÉMICO

LIBRAS: TRANSLINGUAL PRACTICE IN THE ACT OF SIGNS PRODUCTION BY DEAF FEMALE
STUDENTS IN AN ACADEMIC SETTING

Luciane Grazielle Bergue Albino*
Maria Dolores Martins de Araujo **
Yara Fonseca de Oliveira e Silva ***
Universidade Estadual de Goiás

RESUMO: Este ensaio discute o processo de translanguagem no ato de produção de Sinais¹ de duas estudantes surdas, Bilíngues, sinalizantes de Libras e que também utilizam a Língua Portuguesa para se comunicarem, sendo uma delas oralizada² e a outra, não oralizada³. O objetivo é compreender as especificidades linguísticas do surdo e as complexas situações de translanguagem no cotidiano acadêmico. Para compor o arcabouço teórico, foram utilizados os conceitos de translanguagem de Canagarajah (2013,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG). Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão da UEG (GEPEDI/UEG). E-mail: lubergue@outlook.com.

** Professora da rede estadual de Goiás (Seduc-GO) e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias-PPG-IELT (2023). E-mail: mariadmartins.94@gmail.com.

*** Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014) e pós-doutorado pela Universidade do Porto-Portugal (2005). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2005). Atua como professora titular da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: yara.silva@ueg.br.

¹ Entendemos como ato de produção de Sinais o processo em que ocorre a sinalização nas interações linguísticas.

² Surdos oralizados são indivíduos que desenvolveram o domínio da oralidade em Língua Portuguesa (Botelho, 2009).

³ Afirmar que a aluna é Surda Bilíngue não oralizada não significa ser ela muda, tampouco que esteja sem exposição à linguagem oral, e sim que apenas utiliza essa muito pouco, normalmente com palavras simples (Ver: Botelho, 2009).

2017) e de García (2020), e as concepções de ser surdo de Ladd (2013) e Perlin (2005). Para obter uma visão discursiva da linguagem, de sua interligação com as relações de poder e de como isso atua na construção das identidades, recorreu-se a Silva (2009). O texto tem uma abordagem qualitativa e utiliza a técnica de observação da prática de uma Intérprete de Libras, a fim de desvelar o processo de translanguagem. Foram constatados, no ato de produção dos Sinais, uma busca por vários repertórios semióticos que se agregam à fala das pessoas com surdez e, por meio da diversidade de recursos multimodais, em conjunto com os Sinais, os significados dos signos que são construídos e estruturados nos ambientes linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais. Práticas translíngues. Pessoas com surdez.

RESUMEN: Este ensayo discute el proceso de translenguaje en el acto de producción de señales de dos estudiantes sordos, bilingües, que utilizan Lengua de Señas Brasileña (Libras) y también Lengua Portuguesa para comunicarse, siendo una de ellas oralizada y la otra no oralizada. El objetivo es comprender las especificidades lingüísticas de los sordos y las complejas situaciones de translenguaje en la vida académica cotidiana. Para componer el marco teórico, se utilizaron los conceptos de translenguaje de Canagarajah (2013, 2017) y García (2020), así como las concepciones de ser sordo de Ladd (2013) y Perlin (2005). Para obtener una visión discursiva del lenguaje, de su interconexión con las relaciones de poder y de cómo esto influye en la construcción de identidades, se recurrió a Silva (2009). El texto tiene un enfoque cualitativo y utiliza la técnica de observación de la práctica de un intérprete de Libras para desentrañar el proceso de translenguaje. Se constató, en el acto de producción de las señales, una búsqueda de varios repertorios semióticos que se suman al habla de las personas con sordera y, a través de la diversidad de recursos multimodales, junto con las señales, se construyen y estructuran los significados de los signos en los entornos lingüísticos.

PALABRAS CLAVE: Lengua Brasileña de Señas. Prácticas translenguas. Personas con sordera.

ABSTRACT: This essay discusses the process of translanguaging in the production of signs by two deaf, bilingual students who use Brazilian Sign Language (Libras) and also Portuguese to communicate, one of them being oralized and the other non-oralized. The objective is to understand the linguistic specificities of the deaf and the complex situations of translanguaging in everyday academic life. To compose the theoretical framework, the concepts of translanguaging by Canagarajah (2013, 2017) and García (2020), as well as the conceptions of being deaf by Ladd (2013) and Perlin (2005), were used. To obtain a discursive view of language, its interconnection with power relations, and how this influences the construction of identities, Silva (2009) was consulted. The text takes a qualitative approach and uses the technique of observing the practice of a Libras interpreter to unveil the process of translanguaging. It was found, in the production of signs, a search for various semiotic repertoires that are added to the speech of people with deafness, and through the diversity of multimodal resources, together with the signs, the meanings of signs are constructed and structured in linguistic environments.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language. Translingual practices. Deaf individuals.

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio configura-se como um relato de experiência vivenciada na atuação de uma Intérprete de Libras no contexto acadêmico. Baseia-se na metodologia de abordagem qualitativa, em procedimentos bibliográficos, para compor o arcabouço teórico, e na técnica de observação. O objetivo é revelar os movimentos das Línguas em circulação no ambiente acadêmico, neste caso, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, a Língua Portuguesa e os repertórios linguísticos. Entende-se que o ambiente acadêmico é o espaço fundamental para a constituição de indivíduos históricos e sociais, por ser nele que os indivíduos se relacionam para desenvolver o conhecimento e colaboram um com o outro no processo de formação do ser humano, utilizando, para tanto, a linguagem (Bortoni-Ricardo, 2008).

Escrever sobre translanguagem não é uma tarefa fácil quando se considera o contexto em que transitam a Libras, a Língua Portuguesa e os recursos multissemióticos, uma vez que a maioria dos indivíduos da Comunidade Surda ainda consideram a Língua e a linguagem como dois sistemas separados. Assim para Quadros *et al.* (2023), a Libras é uma Língua por conter estruturas que formam os Sinais a partir dos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, e nos quais o canal de comunicação ocorre no campo visuoespacial. Já a linguagem, conforme os autores, está relacionada com as práticas sociais comunicacionais como instrumentos para o funcionamento da Língua. Outra divisão que Quadros *et al.* (2023) evidenciam é o contexto Bilingue alicerçado no discurso

monolíngue, ou seja, a Libras como primeira Língua e a Língua Portuguesa (modalidade escrita) como segunda Língua. Essas situações vão de encontro processo de translíngua, que não estabelece limites por permitir que os sujeitos utilizem as Línguas e os recursos multissemióticos que lhes são mais confortáveis ou que lhes são mais acessíveis no ambiente linguístico.

O processo de translíngua, apesar de despertar mais discussões nas Línguas orais, em relação às Línguas de Sinais, tem suas pesquisas ainda em desenvolvimento. Alguns exemplos de pesquisas relacionadas ao tema são os estudos de Aldersson (2023), que investigam o ensino de Inglês para pessoas adultas usuárias da Língua de Sinais Britânica (BSL), e o artigo de Schlindwein e Rocha (2023), no qual são evidenciados os processos de translíngua de dois surdos *Youtubers* usuários de Libras. Nessa perspectiva, este ensaio busca apresentar uma concepção inter-relacionada de Língua e linguagem e transcender muros e territórios por meio de movimentos multissensoriais e multissemióticos (Rocha; Maciel, 2015). Nesse ponto, convém apontar o conceito de translíngua adotado neste ensaio.

Para autores como Canagarajah (2013) e García (2020), a translíngua emerge como crítica das práticas monolíngues em ambientes em que perpassam várias Línguas minoritárias, uma vez que a prática de privilegiar apenas uma Língua negligencia as culturas abrigadas nos espaços acadêmicos.

Translíngua é uma maneira de capacitar comunidades minoritárias linguísticas que foram marginalizadas nas escolas e na sociedade para finalmente se verem (e ouvirem) [e sinalizarem em Libras] como realmente são, como bilíngues que têm o direito às suas próprias práticas linguísticas, livres de julgamento por parte do sujeito monolíngue ouvinte; e livres para usar suas próprias práticas para ampliar compreensões (García, 2020, p. 19, tradução nossa)⁴.

De acordo com Canagarajah (2013), na translíngua, as Línguas são utilizadas de modo dinâmico e integradas, e no decorrer da interação não se estabelecem limites, pois elas se misturam com diversas linguagens para estruturar os pensamentos.

A discussão do processo de translíngua no ato de produção de Sinais de pessoas surdas requer reflexões. Em um primeiro momento, faz-se necessário compreender o significado de ser surdo. Em seguida, analisar os processos de translíngua no contexto de povos minorizados. Finalmente, discutir a translíngua a partir do ato de produção de Sinais de duas alunas surdas de uma universidade.

2 CORAGEM DE DESPIR A VERDADE E VER O MUNDO



Figura 1: Mãos voam!

Fonte: Coutinho (2022)

⁴“Translanguaging is a way to enable language-minoritized communities who have been marginalized in schools and society to finally see (and hear) themselves as they are, as bilinguals who have a right to their own language practices, free of judgement from the white monolingual listening subject; and free to use their own practices to expand understandings” (García, 2020, p. 19).

A obra da artista plástica surda Kilma Coutinho (2022) mostrada na Figura 1 abre esta seção por ser uma Arte que sensibiliza os olhos de quem a aprecia, tendo em vista que seus desenhos representam a resistência surda. Assim, ela deixa visível sua subversão, como fica evidente na resposta que dá a quem lhe pergunta por que a arte surda é diferente: “Porque é minha cultura. A arte das mãos, as flores saindo das orelhas, isso é a representatividade surda. Sim, sou artista surda!” (Coutinho, 2022, [n.p.]).

Ao afirmar que sua Arte está inter-relacionada com a cultura surda, Coutinho (2022) mostra a diversidade e os múltiplos repertórios linguísticos envolvidos no que é ser “surda”, o que evidencia, o processo de translanguagem nas experiências visuais artísticas que compõem esses artefatos culturais.

Ladd (2013) afirma que o ser surdo não está ligado à perda auditiva, e sim vinculado à especificidade linguística e cultural das pessoas com surdez, que dispõem do conforto e tem orgulho de utilizar a Língua de Sinais na sua constituição como sujeito social. Com o objetivo de ampliar a visibilidade surda na sua capacidade de interação e desenvolvimento social, e não a limitar à categorização da surdez, o autor criou o conceito de Surdidade. Para ele, essa limitação revela o processo de colonialidade⁵, reafirmando a concepção clínico-terapêutica que confina essas pessoas em graus de surdez e as designam com o mau funcionamento da audição, classificando-as como incapazes de atingir a igualdade dos ouvintes.

Rompendo com essa visão clínica e colonialista, a Libras incorpora-se à cultura surda, sendo uma Língua visual espacial que permite o pensar e o entendimento do mundo pela sensibilidade do corpo, dos movimentos das mãos, das expressões faciais e corporais. Além disso, utiliza a diversidade de recursos semióticos que, em conjunto com os Sinais, atribuem sentidos aos signos nas suas experiências sócio-históricas.

Para Pelandré (2002), as vivências com o outro criam memórias que contribuem para a organização dos signos linguísticos, os quais servirão de instrumento básico para os surdos na aquisição de novas formas de comunicação, possibilitando-lhes o acesso a diferentes tipos de conhecimento, a ser utilizado conforme suas necessidades culturais.

De acordo com Mazarro (2021, p. 161),

As manifestações da linguagem, seja em forma de enunciados verbais ou corporais, não são produtos cuja origem plena e exclusiva é do sujeito que a profere ou “é”, mas são relocalizações do tipo “recorte e colagem” de enunciados previamente proferidos ou “sidos”. O sujeito se faz pelo e no discurso, que, ao mesmo tempo, se faz e se mantém pelo e no sujeito.

Nesse horizonte, a linguagem, por sua vez, deixa de ser considerada como um conjunto de regras para fins comunicativos e passa a ser vista em sua vinculação com o social, desempenhando um papel fundamental na construção de significados. A linguagem tem poder, e por meio dela é possível moldar os pensamentos das pessoas, tanto positiva como negativamente, influenciando-as em seus contextos sócio-históricos.

Silva (2009) considera o poder da linguagem como um aspecto central nas relações humanas de controle. Para o autor, a linguagem não é neutra, e os repetidos enunciados podem padronizar uma sociedade. Foucault (1987) ressalta que esse controle exercido pela linguagem ocorre em relações simples do dia a dia, por exemplo, na relação de poder da mãe com a filha, e também em instituições complexas, como escolas e políticas partidárias, podendo haver uma manipulação de um país. O indivíduo muitas vezes não percebe o controle que incorporou no decorrer de seu processo histórico, posto que não tem consciência crítica, e, quando a adquire, surge uma insatisfação decorrente de sua reflexão sobre os significados naturalizados (Silva, 2009).

O processo de translanguagem, por permitir que os sujeitos utilizem as Línguas que lhe são mais confortáveis ou que lhe são mais acessíveis, se coloca como contrário àqueles processos impostos, artificiais e respeita a individualidade do sujeito. O processo de

⁵ Amorim (2014, p. 114) com base em Oliveira e Candau (2010) define colonialidade como o “processo de valorização cultural e ideológica de elementos característicos do colonizador em detrimento dos elementos locais, resultante de outro processo, de caráter político-econômico, qual seja, o colonialismo”, e, estando “sustentada por firmes raízes na história política e cultural de uma nação, afeta todo o imaginário de povos que foram submetidos ao colonialismo”.

translinguagem transcende as fronteiras de uso de duas ou mais Línguas como um sistema fechado. Na verdade, mostra um aspecto transgressivo em que as Línguas são utilizadas de uma forma fluída, sem alternâncias ou compensações. Ademais, são interdependentes e apropriam-se de repertórios multissensoriais (Rocha; Maciel, 2015).

3 TRANSLINGUAGEM: O APAGAMENTO DE FRONTEIRAS

A translinguagem faz com que o indivíduo transite livremente por diversas culturas, o que pode também ocorrer de maneira multimodal, ou seja, em várias semioses. Isso é muito importante para os surdos, porquanto esses indivíduos perpassam o universo das linguagens em diversas modalidades, dentre elas, a visual, ampliando o conhecimento tanto de sua cultura como de outras. Essa prática da translinguagem ocorre de maneira natural na cultura surda. Por exemplo, ao acessar um material em um canal do *YouTube*¹ surdo depara-se com diversos vídeos, legendas, imagens que darão pistas visuais sobre o assunto e mediarão a organização dos seus pensamentos no canal visual-espacial. Igualmente, têm-se que, ao iniciarem uma conversa em Libras, tanto os surdos como os ouvintes procuram contextualizá-la com imagens, gestos e barulhos, para que a comunicação se torne acessível e compreensível. A comunicação entre surdos e ouvintes é repleta de combinação e recombinação de qualquer linguagem. Incorporam-se recursos visuais para a compreensão de conteúdos conhecidos e desconhecidos, atendendo a interesses diversificados, individuais ou coletivos, culturais e de vida. Canagarajah (2013, 2017) reforça que a translinguagem faz com que a Língua exceda os limites de alternância de códigos e envolva uma interação com a Língua e com os recursos multimodais de maneira natural.

3.1 TRANSLINGUAGEM: POVOS MINORIZADOS

Ferreira e Sabotta (2021), ao entrevistarem Marielly Faria sobre bilinguismo e translinguagem, discutem que translinguar é entender a Língua como um repertório que transcende as estruturas linguísticas tradicionais e faz parte da sociedade em geral. Nas áreas de fronteira, a translinguagem fica muito evidente, por exemplo, em Boa Vista, capital de Roraima, na divisa com a Venezuela e com a Guiana Inglesa. Conforme Chaves (2021), Boa Vista desvela um processo de translinguagem entre a Língua Portuguesa, o Espanhol e o Inglês. A autora explica que em Boa Vista é possível ouvir um músico da Guiana Inglesa cantar reggae no centro da cidade e translinguar entre a Língua Portuguesa e o Inglês, da mesma forma que é comum camelôs venezuelanos anunciarem seus produtos translinguando entre o Espanhol e a Língua Portuguesa, o que ocorre de maneira espontânea na zona de contato, no canal oral auditivo.

Chaves (2021) salienta que a translinguagem ocorre também no âmbito visual, uma vez que nas placas de anúncios de produtos há desenhos e palavras em Espanhol, em um processo que transcende a norma do padrão linguístico europeu. Na capital roraimense, onde passa o rio Branco, existem as Línguas dos povos originários e as pessoas que habitam essa região, transitam entre as Línguas indígenas, portuguesa, inglesa, espanhola e Libras (Chaves, 2021).

As imagens a seguir ilustram as fronteiras de Roraima e a organização das comunidades indígenas.



Figura 2: Fronteiras de Roraima

Fonte: G1/GLOBO

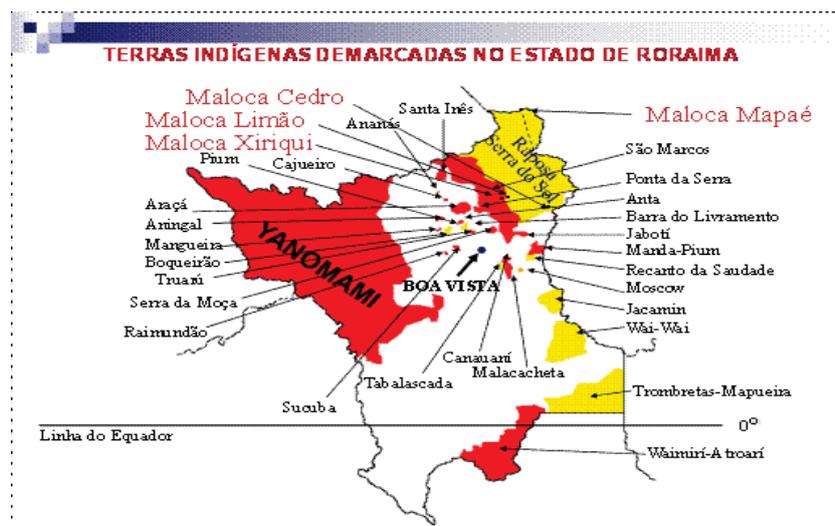


Figura 3: Povos originários de Roraima

Fonte: Lima; Medeiros; Nascimento Neto (2014)

O Brasil é oficializado como um país monolíngue, deixando de lado as Línguas dos povos originários e as Línguas de Sinais. Além da Libras, reconhecida legalmente, existem pelo menos outras nove Línguas de Sinais de povos originários, pesquisadas por Soares e Fargetti (2022). São elas: *Ka'apor*, *Sateré Mawé*, *Guarani Kaiowá*, *Terena*, *Kaingang*, *Paitér-Suruí*, *Akwe-Xerente*, *Pataxó*, Língua encontrada em Belém (provavelmente, de indígenas citadinos) e *Ororubá*.

Frank (2021) relata nos seus estudos que o Brasil é um país de várias Línguas nas suas múltiplas modalidades, indo ao encontro de discussões que resistem a separações da Língua com o social e desnaturalizando o Brasil como um país de predominância da Língua Portuguesa, a qual nega as várias culturas existentes na sociedade. Por isso, o autor julga necessário praticar a criticidade “[...] por intermédio da problematização diária, pautada no questionamento que sustenta aquilo que se julga como verdade única sobre o que fazemos” (Frank, 2021, p. 297).

Guerolla e Lucena (2021) reforçam que os povos minorizados, são jogados às margens da sociedade, principalmente por não utilizarem a Língua de maneira padrão. O fato é que a persistência simbólica da escrita monolíngue e a valorização do padrão linguístico europeu traduz o reflexo da colonialidade no cenário linguístico brasileiro.

Nesse sentido, os surdos, os povos originários e outras comunidades das margens minorizadas, ao falarem sua Língua, assumem o mundo e rompem com a hegemonia colonial. Assumir sua Língua é valorizar suas referências e sua representação cultural (Rezende, 2020). Nesse viés, a translíngua apresenta-se como uma proposta de subversão, e as diferentes linguagens se fundem, transcendem limites e envolvem repertórios semióticos, incluindo palavras, recursos multimodais, objetos e artefatos. Os avanços das pesquisas que discutem variados repertórios linguísticos abrem fissuras na ideia de que apenas um código lexical tem valor (Canagarajah, 2013).

Rojo (2013, p. 17) aponta que “[...] neste mais recente funcionamento social, ocorrem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender”. Ainda conforme a autora, “[...] implica negociar uma variedade de linguagens e discursos: interagir com outras Línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo [...] ao invés da gramática como norma para a Língua padrão, uma gramática contrastiva que, como Ártemis, permita atravessar fronteiras”. Nessa perspectiva, trata-se de um olhar para a pluralidade linguística, sensorial, semiótica e multimodal. Na próxima seção, será analisado como esse processo de translíngua ocorre no ato da produção de Sinais de acadêmicas surdas.

4 DESFAZENDO AS AMARRAS: TRANSLÍNGUAGEM NAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS

Este ensaio faz o recorte das práticas linguísticas de duas surdas, ambas bilíngues, mas apenas uma delas oralizada. Para preservar suas identidades, serão utilizados nomes fictícios: a surda oralizada será identificada como Lua e a não oralizada, como Nina.

A coleta de dados ocorreu em segmentos diferentes. Para Lua, ocorreu em um programa de pós-graduação e, para a Nina, no curso de Letras/ Inglês. No Quadro 1 a seguir, há uma demonstração do processo de translíngua das surdas.

Aspectos	Lua (Sinalizante/oralizada)	Nina (Sinalizante)
>Comunicação	Voz e Libras	Imagem e Libras

Quadro 1: Esquema de comunicação

Fonte: Elaborado pelas autoras

O Quadro 1 é uma aproximação das práticas de translínguas das surdas. Em relação à Nina, por esta ser, na maior parte do tempo, sinalizante, a translíngua ocorreu na maioria das vezes com repertórios visuais e com a Libras. Quando ocorreu a tradução em Libras da obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (2018), Nina apresentou muita dificuldade em compreender a peça teatral. Por essa razão, houve a necessidade de organizar um recurso visual, e para tanto foi criado um infográfico (Figura 4), com o objetivo de possibilitar o movimento entre as linguagens: Sinal, visual e as palavras.



Figura 4: Translinguar com imagem

Fonte: Elaborada pelas autoras

Depois dessa leitura de imagens e palavras, e da tradução e interpretação em Libras, a aluna ampliou o seu repertório linguístico para a compreensão da história. Na ocasião, também acessou um vídeo na plataforma *YouTube*, transitando, assim, em várias semioses.

Com o exemplo de Nina, percebe-se que não se pode mais ratificar a ideia binária de a Língua e o texto serem sistemas fechados. Contra a noção de que apenas a escrita e a oralização são consideradas referências para a aprendizagem, ocorreu, na performatividade sinalizada, a reorganização dos repertórios linguísticos, a fim de se atingir a compreensão da história.

Em outro exemplo de translinguagem, Nina queria comprar uma cômoda/gaveteiro. Ela fez o Sinal em Libras, digitou no Google GAVETA+ ROUPA+ GUARDAR⁶. Na pesquisa surgiram várias imagens, dentre as quais ela escolheu uma, evidenciada na Figura 5 a seguir, mostrando-a no seu celular. Abaixo, segue a demonstração do ato dos Sinais e a tramitação com as imagens.

⁶ As palavras estão escritas de letra Bastão porque estão se referindo ao Sinal em Libras.

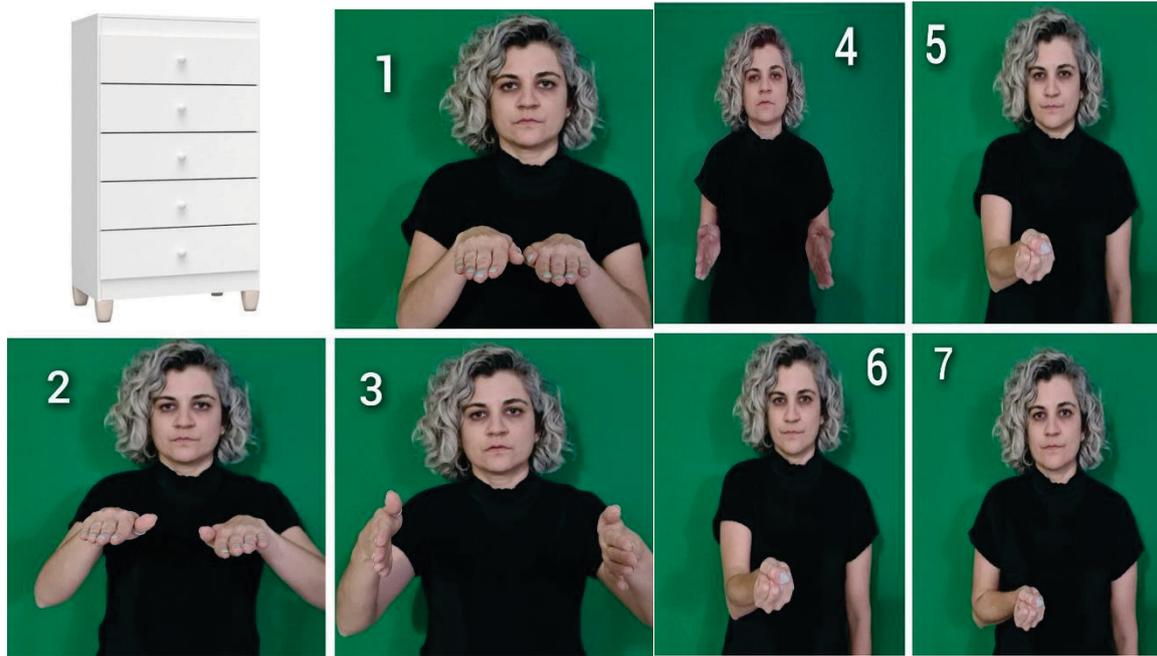


Figura 5: Sinal de Cômoda/Gaveteiro

Fonte: Elaborada pelas autoras

Assim, o objetivo de Nina foi o de estruturar o móvel específico no pensamento do outro, ou seja, signo (imagem da cômoda) + significante (Sinal) + significado (pensamento da cômoda) (Saussure, 1977). Ao mostrar a imagem da cômoda, Nina queria que o significado do pensamento do outro não se desviasse do seu.

De acordo com Vygotsky (2011), pode haver um só significado e diversos referentes. No caso de Nina, o significado era guardar a roupa na gaveta. Contudo, existem diversos referentes, vários tipos de cômoda gaveteiro, mas também pode haver vários significados e um referente para sinalizar o móvel, pois esse pode ser destinado a guardar sapatos, acessórios ou roupas. Apesar da referência ser a mesma, ou seja, a cômoda/gaveteiro, o seu significado é diferente para cada indivíduo devido às suas relações discursivas.

Ao se referir à cômoda/gaveteiro, Nina transitou pelo visual, fez barulhos com a boca, simulando o barulho da gaveta, sinalizou em Libras, transitou entre a Língua Portuguesa (as palavras cômoda/gaveteiro* gavetas+branca), a Libras (Sinal GAVETA+ ROUPA+ GUARDAR, “pápápá”, simulando o barulho da gaveta batendo) e a imagem (foto do móvel), para não desviar o significado da referência: cômoda gaveteiro branca + 5 gavetas (Vygotsky, 2011).

Partindo dessa ideia de repertórios linguísticos e para a compreensão desse acontecimento, podem-se observar as várias possibilidades de estratégias para que uma conversa seja inteligível e, assim, abarcar a multissensorialidade. No primeiro exemplo, ao pesquisar no *YouTube* a história de *O Auto da Compadecida*, de Suassuna (2018), Nina translinguou para o visual em movimento. No caso do Infográfico (Figura 4), a imagem estática criou uma nova possibilidade de entendimento para a surda. No segundo exemplo (Figura 5), o repertório está na imagem da internet, na escrita do móvel e na sinalização ocorrida na fala performativa. Em ambos os casos, a Libras foi falada junto com Sinais, expressões corporais e faciais, imagens, sons, palavras, tempo e espaço. Não houve um começo e um fim para o uso dos repertórios, que ocorreram de forma espontânea, todos juntos e misturados.

Corroborando o pensamento de Canagarajah (2013), os acontecimentos supracitados mostram que a translinguagem não se encaixa em regras engessadas em léxicos, uma vez que, ao usar a Libras e a Língua Portuguesa para a comunicação ou o entendimento da cultura, elas se misturam e se complementam, envolvendo diversos recursos semióticos e transcendendo as palavras. Nessa perspectiva, a translinguagem aponta que os indivíduos bilíngues utilizam suas Línguas “todas juntas e misturadas”, sem separá-las para dar significado à comunicação em um determinado tempo e espaço.

Diante do exposto, quando um novo discurso é inserido de forma descontextualizada em Libras, os envolvidos no ato da produção dos Sinais precisam recorrer às várias representações imagéticas para a compreensão do assunto (Canagarajah, 2017).

A translanguagem com a discente Lua, por ela ser oralizada, ocorreu na maior parte do tempo entre a Língua Portuguesa e a Libras. Assim, houve nas conversas uma “mistura” da voz em Língua Portuguesa e a sinalização em Libras. Não houve sobreposição de uma sobre a outra, tendo em vista ser uma mobilidade espontânea, abrindo espaços para rupturas e liberando a criatividade e criticidade (Rocha; Maciel, 2015).

Nesse contexto, ao participar de uma entrevista em Libras sobre a “Inclusão dos Surdos”, gravada para ser disponibilizada no canal do *YouTube*, Lua oralizava e depois utilizava a Libras para responder às perguntas de maneira natural, enquanto em outro momento utilizava as duas Línguas, evidenciando o processo de translanguagem, não tendo sido observada uma delimitação entre a Língua oral e a Libras. O ato sinalizado e a oralização aconteceram nos espaços com a organização dos Sinais e consecutivamente na oralização. O trabalho em questão era uma produção técnica para uma disciplina de Mestrado, e notou-se que, quando se apoiava mais na voz para responder às perguntas, Lua não sinalizava. Verificou-se ainda a necessidade de criar uma janela para ocorrer a interpretação simultânea e tornar o material acessível para a Comunidade surda. No período em que ela sinalizava e não utilizava a voz, a intérprete interpretava para a Língua Portuguesa, que no senso comum é denominado “empréstimo de voz”.

Constatou-se, portanto, que os recursos utilizados para promover uma situação de práticas de translanguagem estão relacionados à composição de múltiplas Línguas para que o ato sinalizado e de fala/voz construam uma relação de significados. Além do uso das Línguas nesse ambiente linguístico, ocorreram interligações multimodais, manifestadas pelas expressões corporais, faciais, Sinais, gestos e o uso de intérprete de Libras para engendrar situações de conexões entre surdos e ouvintes (Swanwick, 2017).

A translanguagem, portanto, encoraja as pessoas surdas a usarem a linguagem de maneira a transcender as fronteiras entre a Língua Portuguesa e a Libras, utilizando ambas sem que haja a valorização de uma em detrimento da outra. Elas transcendem as amarras da supervalorização das palavras e transitam entre os Sinais e diversas linguagens. Essa transcendência ocorre no espaço, pois o contexto também faz parte dos acordos linguísticos, oportunizando conexões entre as pessoas. E transformam, promovendo uma justiça cognitiva (Rocha; Maciel, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se empenhou em revelar as oportunidades do uso da Língua Portuguesa e de Libras, interrelacionadas em uma perspectiva multissensorial e multissemiótica, a fim de promover a reflexão crítica e o desenvolvimento da criatividade. Ainda, buscou-se demonstrar que o processo de translanguagem pode estabelecer conexões para a construção de significados e sentidos.

Os surdos, ao assumirem sua Língua e a translanguagem, que é um movimento natural em contextos multilíngues, manifestam sua postura de resistência e perturbam a estrutura engessada em um país monolíngue como o Brasil, além de disseminarem todas as formas de linguagem para estabelecer significados entre os signos linguísticos. Ademais, dão visibilidade à mobilidade da Língua e da linguagem em um contexto espaço-temporal inter-relacionado.

A translanguagem vai de encontro ao estruturalismo de Saussure (1977), que define Língua como um conjunto abstrato de regras e de estruturas acima do indivíduo. Assim, a situação de interação precisaria considerar as práticas comunicativas com mais mobilidades, vinculadas ao contexto social em que o surdo está inserido. Neste texto, houve uma concentração nas práticas próprias do ato de produção dos Sinais, da voz e dos recursos multimodais das discentes surdas para revelar a fluidez da construção de sentidos ao serem misturadas a Libras com o Português e diversos recursos multimodais, visando a alcançar coerência na fala em si, e também para a construção de conhecimento. Por exemplo, a tradução feita em Libras ligada ao Infográfico do livro *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna (2018).

Nesse contexto, essas práticas transcendem e criam oportunidades de rupturas de estruturas monolíngues a partir desse movimento livre, de conexões e reconexões. Transformam os signos e os acomodam e desacomodam na cognição humana.

A ideia de que se deve falar apenas o “Português” no Brasil é redutora. Além das Línguas orais dos povos originários e da Libras, que é reconhecida legalmente, existem pelo menos mais nove Línguas de Sinais faladas no território nacional. Isso significa que o país está muito distante de ser linguisticamente unificado. Assim, ao se comunicar e/ou estudar na atual conjuntura de avanços tecnológicos, o indivíduo não se limita às palavras, como se pode verificar na plataforma *YouTube*. Isso significa que as pessoas estão conectadas a vários recursos semióticos e Línguas em movimentos.

Por isso, é muito temerário defender princípios arbitrários sobre as Línguas, já que elas transitam o tempo todo e se sincronizam com vários repertórios, reduzindo assim as polaridades da oralização e da escrita. Não há uma afirmação ou negação das Línguas, da Libras e da Língua Portuguesa, uma vez que elas se fundem ao corpo surdo. Estão livres para transitar entre elas e acoplam-se às imagens, desconfigurando a ideia de que apenas a Língua dos europeus importa. Em suma, todas as Línguas importam.

REFERÊNCIAS

ALDERSSON, R. *Alunos adultos surdos e o professor: construção de conhecimento e significado através das lentes da translíngua e repertórios semióticos*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202359756/> Acesso em: 5 jun. 2023.

AMORIM, Fabrício da Silva. *Ensino do português brasileiro: por uma pedagogia descolonial*. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 5, n. 14, p. 111-138, nov. 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOTELHO, P. Surdos oralizados e identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Editora Mediação, p.149-164, 1999.

CANAGARAJAH, S. *Translingual practice*. New York: Routledge, 2013.

CANAGARAJAH, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 31-54, 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/applij/article/39/1/31/4626948/> Acesso em: 6 maio 2023.

CHAVES, L. Q. L. Breve discussão sobre o conceito de translíngua na educação do Estado de Roraima. *Revista Educação Pública*, v. 21, n. 32, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/32/breve-discussao-sobre-conceito-de-translinguagem-na-educacao-do-estado-de-roraima/> Acesso em: 4 jun. 2023.

COUTINHO, K. (2022). *Obras de Artes da Cultura Surda*. Disponível em: <https://www.artmajeur.com/kilcou-1?view=grid&collections%5B%5D=1723816/> Acesso em: 8 jun. 2023.

FERREIRA, M. R. SABOTA, B. *Bate-papo sobre bilinguismo e translíngua*. Entrevista com Marielly Pereira da Silva Faria. YouTube, 22 dez. 2021. 1 vídeo (44 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=psYPxKthptQ/> Acesso em: 30 maio 2023.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.

FRANK, H. A complexidade da linguagem e de seus usos: incitações a uma educação linguística crítica. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 43, p. 296-308, 2021.

G1/GLOBO. *Fronteiras do Estado de Roraima*. [s.d]. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/foto/0,,14645699-EX.00.jpg>. Acesso em: 26 de jun. 2023.

GARCÍA, O. Foreword: co-labor and re-performances. In: MOORE, E.; BRADLEY, J.; SIMPSON, J. (org.). *Translanguaging as transformation: the collaborative construction of new linguistic realities*. Bristol: Multilingual Matters, 2020. p. 17-21.

GUEROLA, C. M.; LUCENA, M. I. P. “Essa mesma arma contra eles”: capitalismo, poder, linguagem e educação indígena. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, n. 2, p. 428-438, 2021.

LADD, P. *Em busca da surdidade 1: Colonização dos Surdos*. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2013.

LIMA, A. C. B; MEDEIROS, E. D. DE; NASCIMENTO NETO, M. (2014). *Proposta Pedagógica do Curso Técnico em Comércio Exterior Subsequente do Câmpus avançado de Bonfim*. Disponível em: <https://bonfim.ifrr.edu.br/cursos-tecnicos/comercio-exterior-subsequente/plano-de-cursotecnico-em-comercio-exterior-r-subsequente>. Acesso em: 26 de jun. de 2023.

MAZARRO, D. Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas. *Gragoatá*, v. 26, n. 56, p. 1052-1084, 2021.
PELANDRÉ, N. L. Paulo Freire e algumas teorias em torno de letramento, escrita e alfabetização. In: PELANDRÉ, N. L. *Ensinar e aprender com Paulo Freire 40 anos depois*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 82-127

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). *A surdez – um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B. da. ROYER, M.; SILVA, V. R. da (org.). *A Gramática da Libras*. Rio de Janeiro: INES, 2023.

REZENDE, T. *Políticas e Práticas de Interculturalidade no ensino de Língua Estrangeira*.

YouTube, 15 de agosto de 2020. 1 vídeo (11 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z_sNji4OgYs/ Acesso em: 8 jun. 2023.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Ensino de língua estrangeira como prática translíngue: articulações com teorizações bakhtinianas. *D.E.L.T.A.*, v. 31, p. 411-445, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4450437081883001191/> Acesso em: 20 maio 2023.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R.; TANZI, A. N. (org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHLINDWEIN, A. F.; ROCHA, D. S. LIBRAS e tecnologia: práticas translíngues na produção de youtubers surdos. *D.E.L.T.A.*, 39-1, 2023 (1-27). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202359803/> Acesso em: 10 maio 2023.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009. p. 73-102.

SOARES, P. A. S.; FARGETTI, C. M. Línguas indígenas de sinais: pesquisas no Brasil. *LIAMES*, Campinas, SP, v. 22, 1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8667592/29422/> Acesso em: 15 maio 2023.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. Nova Fronteira, 2018.

SWANWICK, R. Translinguagem, aprendizagem e ensino em educação de surdos. *International Journal of Multilingualism*, p. 233-249, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.



Recebido em 02/09/2024. Aceito em 04/05/2024.